

A TV COMO OBJETO DE ESTUDO NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DE EDUCADORES: PRAZER E CRÍTICA

Vânia Lúcia Quintão Carneiro

Resumo

Este trabalho analisa implicações do estudo sobre televisão na formação e prática de educadores. Baseia-se em depoimentos escritos nos memoriais de professores que participaram do curso "TV na Escola e os Desafios de Hoje" e em questionários aplicados¹ a 61 professores de escolas públicas do DF e a 117 estudantes do ensino fundamental e médio do DF. Na análise dos dados quantitativos, constatamos que a preferência dos professores – dentre os programas de televisão – recai sobre os informativos, seja para seu próprio conhecimento, seja para utilização em sala de aula. Em seus depoimentos, os professores declaram que o estudo sobre TV lhes proporciona segurança para incorporar, na prática de ensino, outros gêneros de programas a que os estudantes assistem. Igualmente, revelam sua satisfação pessoal em fazer da recepção em casa um lugar de pensar a TV. Em conclusão, o conhecimento sobre televisão pode ajudar o professor na promoção de uma aprendizagem mais significativa em sala de aula, bem como ser objeto de reflexão no hábito cotidiano familiar de assisti-la.

Palavras-chave: mídia e educação, TV e formação de professores, TV e prática pedagógica, educação em televisão, TV na escola

TV AS AN OBJECT OF STUDY IN TEACHER EDUCATION: PLEASURE AND CRITICISM

Abstract

This study analyses the implications of the study of television on the training and the practice of educators. It draws from written testimony of teachers who attended the course "TV in the School and Today's Challenges" and from a survey² conducted with 61 public school teachers and 117 elementary and high school students in Brazil's Federal District. In the quantitative data analysis, it was verified that teachers prefer informative TV programs, either for their own knowledge or for use in the classroom.

In their statements, teachers declared that the study of TV makes them more confident to introduce in their teaching practice other genres of programs that their students normally watch. They also indicated their personal satisfaction in having domestic reception a locus of thinking about TV. In conclusion, knowledge of TV can help the teacher promote a more effective apprenticeship in the classroom, and also make TV an object of reflection in their daily familiar habit of watching it.

Key-words: media and education, TV and teacher training, TV and pedagogical practice, media education, TV at school; critical consumption

¹ Essa pesquisa teve a participação de bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/Cnpq/UnB) e bolsistas do Decanto de Extensão da UnB.

² This survey was conducted with the participation of scholarship holders from the Scientific Initiation Program (PIBIC/CNPq/UnB) and from the School of Extension Studies of the University of Brasília (UnB).

Introdução

Assistir à TV constitui o principal lazer, tanto de crianças e adolescentes brasileiras – como revelam inúmeras pesquisas – quanto de boa parte de seus professores. De acordo com pesquisa da Unesco (2004), 74% dos professores, de um total de 5 mil entrevistados, afirmam que assistir à televisão é o seu lazer principal.

Vale ressaltar que os professores dos ensinos fundamental e médio da atualidade compõem uma geração que nasceu e cresceu com a televisão. Mas a vivência de telespectador não oferece condições suficientes para que se compreenda bem o funcionamento da TV e se a veja criticamente. As histórias exibidas diariamente nas telas exigem certa iniciação em estudos midiáticos, para que se compreendam as conexões entre mídia e experiência do dia, intenção e apelo, interesse e resposta, texto e ação (SILVERSTONE: 2002: 81). A capacidade para compreender e analisar a TV não se adquire apenas consumindo-a; é preciso estudar a linguagem, o discurso e a tecnologia que a permeiam.

A escola é imprescindível para o desenvolvimento, nos alunos, da competência televisiva, definida por AGUADED (1999: 325) como “a capacidade de interagir com o meio de forma equilibrada de uma perspectiva tanto racional com lúdica”. As expectativas e exigências sociais, em relação ao papel da escola na formação de jovens, recaem sobre o professor. Este é desafiado a apropriar-se de conhecimentos sobre TV para transformar-se em mediador entre as experiências midiáticas dos estudantes e o mundo escolar. A formação de professores torna-se pré-condição para integrar a TV à escola sem reduzir a televisão a um suporte físico ou a alvo de ataques dos “apocalípticos”.

Observa-se em cursos de formação – inicial e contínua – de professores, que, apesar da freqüente inclusão de meios de comunicação, não se aborda a dimensão cultural desses – apenas a instrumental, física, de suportes de transmissão de conteúdos.

De um modo geral, nas propostas de curso e de produtos educativos envolvendo televisão, predominam enfoques baseados nas contraposições entre educação e televisão: a primeira como negação da segunda, contrapondo-se à cultura de entretenimento e à emoção que essa suscita. Estudo pioneiro de Cassirer (1961:197), sobre a produção de programas educativos, revelou que a emergente polêmica “educação x entretenimento” resumia-se ao conflito entre grau de entretenimento – para manter a atenção do espectador – e receio de formas de atração –

que o distraiam do objetivo didático. A essência dessa polêmica residia no conflito entre emoção e cognição.

Essa contraposição tem sido superada em produtos de sucesso, como o Castelo Rá-Tim-Bum, que articula emoção e cognição, desde a premissa dramática.

Na escola, o desafio de integrar a televisão às atividades curriculares consiste em trazer, das experiências televisivas dos alunos, a motivação para aprender os conteúdos curriculares, bem como prepará-los para ser mais seletivos e reflexivos diante da programação a que assistem em casa.

Nessa perspectiva, duplamente benéfica “por incrementar motivação na aula e prolongar a aprendizagem fora dela”, evita-se a dicotomia televisão só para emocionar e aula só para pensar. Com tal procedimento, reafirma-se o objetivo maior: de introduzir em sala de aula material audiovisual de fora da escola e “ajudar a converter a emoção em reflexão, ensinar a pensar a partir da emoção”. (FERRÉS 2000:167)

O presente texto analisa aspectos da inserção da televisão – como objeto de estudo e instrumento de ensino e aprendizagem – na formação dos professores, baseando-se em dados recolhidos de nossas observações e pesquisas sobre o curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje” (CARNEIRO: 2002, 2003 e 2004). Parte-se do interesse dos professores em informar-se e preparar-se para responder às exigências da prática docente nesta sociedade midiática.

Acredita-se que o desenvolvimento da competência, para análise e leitura críticas, pressupõe a não imposição de julgamentos e a não oposição ao prazer de ver um programa de entretenimento. Há que se permitir a cada indivíduo elaborar seu gosto, seu julgamento, espírito crítico (JACQUINOT & LEBLANC, 1996:17). Na aproximação do educador com a TV, não se pode negar ou condenar o caráter lúdico e prazeroso na relação com os meios. Como ensinou Paulo Freire, “uma das coisas mais lastimáveis para um ser humano é não pertencer ao seu tempo. É se sentir um exilado no tempo. Com isso quero te dizer que sou um homem da televisão, sou um homem do rádio, também. Assisto a novelas, por exemplo, e aprendo muito criticando-as”. (FREIRE & GUIMARÃES; 1984:14)

Interesse docente em estudar sobre TV para melhor utilizá-la na sua prática

O interesse docente pela incorporação de estudos sobre a mídia em sua formação tem sido revelado por várias pesquisas. Em 1999, uma pesquisa na capital de São Paulo mostrou que 90% dos docentes entrevistados se interessavam por materiais de apoio técnico e pedagógico e por cursos de formação direcionados ao estudo de linguagens da comunicação (CITELLI:1999:213).

Em 2001, o interesse pela integração da TV na formação e prática pedagógica foi flagrante, quando 250 mil professores de todo o Brasil se inscreveram para as 30 mil vagas do curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje”; co-produzido por UniRede³ e SEED/MEC.(CARNEIRO, 2002).

Uma investigação da Unesco (2004:115) constatou que 87% dos professores concordam em que “a análise da televisão e de outros meios de comunicação de massa” é tema com que a escola deva trabalhar. Ao lado do reconhecimento da relevância do estudo da mídia, os docentes demonstraram interesse por auto-aperfeiçoamento e por uma formação contínua. Eis que se dedicam, dentro de seu horário semanal de trabalho remunerado – fora de sala de aula –, a atividades como leitura (50.1%) e coleta de materiais complementares à sua formação (19,7%).

A proposta de produção do curso a distância “TV na Escola e os Desafios de Hoje” foi uma resposta às solicitações de qualificação dos professores para a inserção da mídia – em especial da TV – na escola. O curso objetivou capacitar crítica e criativamente o professor, para conhecer e analisar as programações de TV (educativa ou não) e a desenvolver estratégias de ensinar e aprender com televisão.

Na pesquisa com 61 professores do DF que participaram do curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje”, constatamos que a maioria considera que houve aprendizado, não apenas para aperfeiçoar sua prática pedagógica em sala de aula, como também para rever sua prática cotidiana de assistir à televisão com a família. Em relação a essa condição de telespectador, a análise e a crítica à TV foram citadas, por 52% dos professores, como o maior aprendizado adquirido no curso. [Tabela 1]. Isso demonstra a importância da inclusão do estudo da

³ A UniRede é constituída de 63 instituições de ensino público superior, em rede.

televisão nos cursos de formação de professores. Essa abordagem , até então, era oferecida apenas em cursos de comunicação ou pela linha de Educação para a Comunicação.

Tabela 1

Aprendizagem como telespectador	%
Criticar e analisar	52
Utilizar audiovisuais	23
Aproximar tv e educação	15
Produzir audiovisual	3
Em branco	7

Por outro lado, a valorização desse novo aprendizado, pelos professores, não está dissociada da apropriação da televisão como instrumento no processo de ensino e aprendizagem. As recomendações principais desses docentes, para os cursos de formação inicial de professores, são desenvolver as competências em análise e seleção de programação (31%) e conhecer usos de TV/vídeo como recurso pedagógico (32%) [Tabela 2]. Portanto, não concebem o estudo dos meios desvinculado da perspectiva de utilizá-los como instrumento pedagógico em sala de aula. Consideram que são complementares e ambos necessários à formação de educadores nos tempos modernos.

Tabela 2

Competências em relação à TV que recomendam incluir na formação inicial	%
Análise e seleção	1
Uso pedagógico	2
Meio de expressão	8
Aproximação TV-educação	5
Valorização da imagem	2
Todas as anteriores	8
Em branco	3

A preferência dos professores por programas informativos e seu papel mediador entre TV e estudantes

Em pesquisas entre professores brasileiros, é unânime a preferência por programas informativos exibidos pela televisão. Os telejornais lideram a preferência dos docentes. Seguem-se outros dessa mesma natureza: os documentários, as entrevistas, etc. Vale destacar a não-inclusão, por docentes, entre seus programas favoritos, de novelas – gênero de maior audiência nacional (UNESCO:2004, CARNEIRO:1999, CITELLI: 1999).

Nessas pesquisas, as hipóteses sobre a omissão dos professores em relação às novelas são diversas: falta de tempo para acompanhá-las diariamente, preferência por outros gêneros – em especial, os informativos, que os mantêm mais bem preparados para seu desempenho profissional –, receio de comprometerem a imagem do intelectual, etc.

Cogitamos se essa omissão não poderia ser atribuída à insegurança do professor, por não saber analisar as novelas, bem como se os professores a quem se ministram estudos formais sobre TV citariam as novelas entre seus programas preferidos.

Em nossa pesquisa com os professores do DF que concluíram o curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje”, esses reafirmam preferir assistir aos programas informativos. Tais dados foram obtidos mediante aplicação de questionários junto a um grupo de 61 professores e, posteriormente, a 117 estudantes (59 crianças, 58 adolescentes) que tinham professores concluintes do curso “TV na Escola”.

Observa-se, na tabela referente ao programas que constituem a opção número 1 dos professores, que sua preferência continua incidindo sobre os informativos: telejornais (28%), documentários (27%) e entrevistas (10%). Novelas aparecem logo após os informativos, como primeira opção, para 5% dos professores. [Tabela 3].

Tabela 3

Opção número 1 dos professores	%
Telejornal	28
Documentários	27
Entrevista	16
Novelas	5
Filme	5
Religioso	3
Outros	3
Em branco	11

Os informativos não são apenas vistos pelos professores, mas, freqüentemente, gravados, para serem posteriormente utilizados em salas de aula (88% dos docentes que responderam ao questionário possuem videocassetes e 72% usam-nos para gravar programas).

Os programas de TV mais utilizados pelos professores em salas de aula são os telejornais (18%) e os documentários (15%) – em especial, o Globo Repórter, da TV Globo (13%). [Tabela 4] A principal função desses programas, em aula, é informar e motivar os alunos para o estudo do conteúdo curricular. De acordo com Ferrés (2004), é possível que programas de televisão (ou fragmentos de programa) cumpram uma função didática dupla: informativa ou motivadora.

Tabela 4

Programas de TV mais utilizados	%
Telejornais:	18
Documentários:	15
Globo repórter:	13
Desenho	11
Minissérie	5
Filme	2
Telecurso	2
Globo Rural	5
Outros	5
Em branco:	30

Chama-nos a atenção que 84% dos professores que fizeram o curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje” estejam orientando seus alunos a selecionar o que ver na TV. Os programas recomendados são, preferencialmente, informativos, destacando-se, entre eles, os jornais (39%) e os documentários (47%). [Tabela 5]

Tabela 5

Programas recomendados	%
Documentários	47
Telejornal	39
Globo repórter	21
Prog. infantil educativo	11
Filme infantil	11
Filme	7
Entrevista	3
Outros	9
Em branco	19

Programas informativos da TV aproximam-se da concepção tradicional de vídeos pedagógicos, em virtude de seu enfoque objetivo e de uma linguagem mais próxima do “mundo da sala de aula” e do “mundo do especialista”. São mais fáceis de serem utilizados, uma vez que possuem um certo tratamento didático.

Ferrés argumenta que a escola vive a cultura do livro e valoriza a hierarquização das informações e os discursos fechados. Os professores adotam os parâmetros expressivos dos livros. Daí, o interesse por programas de televisão como telejornais e documentários, o que não deixa de ser uma opção comunicativa, embora limitada (FERRÉS, 2004).

As respostas dos 117 alunos entrevistados oferecem um contraponto aos dados dos professores. De acordo com 54% dos adolescentes [Tabela 6] e 91% das crianças [Tabela 7], seus professores conversam sobre algum programa de TV, sendo que os programas informativos – jornais e outros – estão entre os mais comentados, seguidos das novelas.

Tabela 6

Professor conversa sobre programa de TV	%
sim	43
não	52
branco	2

Respostas de adolescentes

Tabela 7

Professor conversa sobre programa de TV	%
sim	91
não	1
branco	7

Respostas de crianças

Os adolescentes revelaram, também, preferência por assistir a programas informativos, embora as crianças prefiram desenhos e novelas. Segundo Vilches (1993:73), crianças maiores valorizam mais notícias e crianças menores preferem histórias contextualizadas em desenhos.

Programas mais assistidos por adolescentes	
Jornal	22%
Novela	16%
Revista Eletrônica	10%
Reportagens	6%
Filmes	8%
Desenho	9%
Seriados	7%
Esporte	8%
Programa de Humor	5%
Outros	6%

Programas mais assistidos por crianças	
Desenho	40%
novela	20%
Programa Infantil	16%
Humor	11%
filmes	6%
esporte	2%
jornal	2%
Outros	3%

De acordo com os professores, novela é o tipo de programação mais comentada em sala de aula por seus alunos; sejam crianças, adolescentes ou jovens. Os informativos ficam em terceiro lugar, depois dos desenhos/programas infanto-juvenis.

As novelas figuram entre os programas de maior audiência junto ao público em geral e constituem um produto complexo para ser analisado. Nosso entendimento é de que sua função principal é o consumo. O sentimento que se propõe despertar visa ensinar a consumir (ALMEIDA, 2003). Analisar novela, sem negar seu aspecto de fruição e diversão, implica aceitar o “entreter” como necessidade humana. De modo geral, confunde-se a criticável mercantilização dessa necessidade com a própria necessidade.

Novelas transformam eventos reais, ficções e idéias em histórias emocionantes, mobilizadoras, relaxantes. Ao lado de atraírem espectadores para suas tramas, provocam, sub-repticiamente, necessidades de consumo, seja por intermédio dos anúncios exibidos em seus intervalos ou nos *merchandisings*, inseridos nas tramas. Elas tendem a enlaçar informações e diluir a fronteira entre realidade e ficção. Expressam contradições culturais, provocam reflexões e/ou identificação com personagens e transformam o espectador em consumidor. Os episódios criados pelo autor podem, perpassando a realidade, tanto divulgar a responsabilidade social – mediante campanhas de esclarecimento e informação ao público – quanto exibir cenas apelativas ou “picantes”. Por essa razão, a análise de novelas não é tarefa simples.

Buscamos avaliar como se dá a mediação do professor em relação às novelas e constatamos, mediante seus depoimentos durante o curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje”, que a sala de aula tornou-se um espaço de pensar a televisão, de debater e analisar acontecimentos reais ou fictícios, de levantar novas questões e de aprofundar temáticas a partir de experiências midiáticas dos estudantes .

“Meus alunos quase todos os dias comentam sobre acontecimentos das novelas e eu como educadora estou aproveitando para mostrar o que determinado tema nos traz de novo, lembrando-os de criticarem.... aproveitei e proporcionei um debate...” (Cursista do DF).

“Assisto pouco aos programas exibidos, porém quando percebo que meus alunos comentam algum programa, alguma reportagem que esteja sendo transmitida, procuro assistir para depois tecermos comentários” (Cursista do DF).

Ao trabalharem com materiais retirados de programas de TV – informativos, novelas e outros –, os professores propiciam às crianças, adolescentes e jovens aprendizagem mais significativas e reflexão sobre o que consomem.

O prazer de conhecer a TV e mediar as vivências dos alunos e o currículo escolar

Nos memoriais – relatos escritos sobre a construção da aprendizagem, registro de impressões, reflexões sobre avanços, experiências, dificuldades – elaborados durante a realização do curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje” e nos comentários de tutores, evidenciam-se mudanças de percepção do professor em relação à televisão e seu papel de protagonista na aproximação entre o mundo da TV e a escola.

No início do curso, as representações dos participantes sobre televisão apoiavam-se em concepções restritivas, que enfatizavam seus efeitos negativos. Os argumentos, no mais das vezes, eram condenatórios à sua incorporação ao processo educativo.

O ponto de inflexão parece ocorrer quando se desenvolveu a segunda parte do curso (Módulo 2), que diz respeito ao estudo da televisão sob as angulações de produção, programação e recepção e aos

usos pedagógicos que podem ser explorados desse veículo. Essas mudanças chamaram a atenção de tutores:

“Quando os cursistas começam a analisar os programas de TV e a sugerir propostas de uso pedagógico destes programas em sala de aula, ocorre uma mudança de olhar. Parecem ter encontrado uma nova TV, bem diferente daquela que conheciam antes. Essa mudança é bastante positiva, pois além de afirmar a importância do papel da mediação do professor no processo de ensino-aprendizagem, mostra também a possibilidade de transformação de um programa de TV em meio educativo” (Stela, tutora do DF).

Registros de mudanças encontram-se nos memoriais de cursistas e revelam a importância de se conhecer a TV e a preocupação em assumir a responsabilidade pela mediação entre ela e os alunos. Avançam, ao romper a linha divisória entre entretenimento e educação, trazendo, das vivências dos estudantes, matéria-prima para refletir sobre o conhecido e motivar novos aprendizados. Realizam, dessa forma, a tarefa de educar a ver TV que, segundo Aguaded (1999:129), consiste na “necessária simbiose de fazer *educativa* a tv e *comunicativa* a escola”.

“Antes, deixaria assim, não influenciaria no destino. Agora com o conhecimento adquirido pelo curso, creio que não posso mais lavar as mãos. Como educadores temos que intervir, analisando com eles a programação e tirando proveito do que assistem de educativo para subsídio em minhas aulas” (Cursista do Paraná).

“A televisão pode ensinar, educar, como também deseducar.... Esses questionamentos fizeram aflorar o que nós professores estamos aprendendo, com o que escolhemos para assistir. Tal análise nos fez perceber que podemos partir de experiências vividas para tornarmos as nossas aulas um ambiente crítico e reflexivo, possibilitando o desenvolvimento de professor x aluno simultaneamente” (CURSISTA DO DF).

“Começo a perceber que temos de adquirir um total de conhecimentos desses meios para promover ou iniciarmos um processo crítico e ensinar os alunos a usarem esses meios” (CURSISTA DO DF).

Ficam evidentes, nas falas dos professores, as mudanças que protagonizaram em suas práticas pedagógicas, rompendo com os limites de uma utilização mecânica e instrumental em direção à pesquisa, à experimentação e à aprendizagem. O conhecimento recém-adquirido lhes dá segurança para ousar inovar suas práticas pedagógicas com audiovisuais.

“Este curso está mudando minha prática, passei a ver a TV de outra forma, compreendendo a linguagem audiovisual como um recurso importante para o aprendizado” (CURSISTA DE SERGIPE).

“O curso está propiciando mudança em minha prática pedagógica, contribuindo para uma nova forma de fazer e interagir” (CURSISTA DE MATO GROSSO DO SUL).

“Antes desse estudo, os vídeos eram escolhidos apenas como um meio diferente e divertido para tirar da rotina o dia a dia das aulas expositivas. Agora podemos reconhecer que a TV e o vídeo podem estabelecer uma união constante entre pesquisa, análise, discussão e prática, dentro e fora do ambiente escolar” (CURSISTA DO DF).

“Embora tenho sempre utilizado a TV em sala de aula, e agora junto com o curso, fico mais à vontade e confiante com a introdução do vídeo em minhas aulas” (CURSISTA DO DF).

Eles estabelecem pontes que conectam o que estudam sobre TV no curso e o que conhecem, na prática, com o que seus alunos consomem na TV e o que estudam na escola. Nessas articulações, demonstram competências para ensinar e aprender. Segundo Hernández (1998:7), alguém aprende “quando está em condições de transferir a uma nova situação (prática docente, e.g.) o que conheceu em situação de formação, seja de maneira institucionalizada, em trocas com colegas, em situações não-formais ou em experiências da vida diária”.

O estudo da TV resultou numa maior aproximação desses professores com suas famílias. O tempo que lhes faltava para dar

atenção aos filhos passou a ser o de assistirem juntos à TV, discutindo programas preferidos, selecionando outros, estudando a TV, enfim. Essas mudanças foram observadas por tutores, como mostra o exemplo abaixo:

“O Módulo 2 (a segunda parte do curso) provocou a maior integração dos professores com seus alunos, bem como com suas famílias. Ao invés daquela mãe que chegava do trabalho (escola) apressada, para pôr a casa em ordem, cuidar dos filhos, a mãe-professora esqueceu seus afazeres e sentou-se para assistir um pouco de TV, para poder responder as atividades de seu Módulo 2. Começou a prestar mais atenção na programação da TV, no que seus filhos estão assistindo, começou a selecionar os programas” (TUTORA MARISA, DO PARANÁ).

Nos memoriais, professores registram a satisfação com estudo da televisão junto aos familiares. A recepção de TV delineia um espaço familiar para o compartilhamento de afeto, de idéias e do próprio estudo sobre esse tema.

“Faço uma leitura geral do módulo para tomar conhecimento do assunto e venho percebendo como está gostoso ler e discutir os assuntos abordados com outras pessoas. Meus filhos e meu marido têm me dado boas sugestões e opiniões sobre o assunto” (CURSISTA DF)

Por fim, os professores mostram, em seus diários e depoimentos, os esforços para ir além e utilizar não apenas o educativo em si, mas o que pode constituir, motivar, produzir uma aprendizagem mais significativa. A escola se apresenta como lugar de refletir sobre aprendizagens fora dela e a assistência em família, como momento de também repensar a televisão.

Considerações finais

A integração do estudo da televisão na formação de professores proporciona reflexão sobre a necessidade da mediação televisão-estudantes-escola e incentiva professores a assumirem a responsabilidade por essa mediação em suas práticas. Como tal responsabilidade não se limita ao uso instrumental da TV na prática pedagógica, os professores assumem o desafio de refletir sobre TV e de

criar estratégias pedagógicas de utilizá-la para motivar aprendizagens, suscitar interesses, problematizar conteúdos e informar. As mudanças que os docentes protagonizam abrem a sala de aula para múltiplas discussões entre os estudantes – a respeito da cena mais comentada da novela, por exemplo –, o que lhes permite elaborar reflexões críticas sobre o que consomem.

Isso significa trazer de fora da escola a motivação para aprender, para estudar e fazer da recepção um instrumento para pensar sobre o que se está consumindo e a influência do consumo, bem como refletir sobre a oferta televisiva.

Portanto, as novas percepções em relação à TV e às inovações nas práticas docentes parecem contribuir para que o interesse dos professores por programas informativos e por mais estudos continue; sem culpas por gostar de ver novelas, uma vez que tais conhecimentos fazem-nos capazes de analisá-las criticamente – com seus familiares e estudantes – e sem medo de utilizá-las como instrumento de ensino, posto que saberão transformar emoções em reflexão, em ponto de partida para construção de conhecimentos. Daí acreditar-se que a união de emoção e razão pode-se concretizar também na sala de aula.

Bibliografia

AGUADED, José Ignacio. *Convivir con la televisión: familia, educación y recepción televisiva*, Barcelona, Paidós, 1999.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CARNEIRO, V. L. Q. *Relatório projeto de pesquisa sobre professor e TV*. Brasília, FE – UnB, 1999

_____. *O curso tv na escola e os desafios de hoje: avanços e desafios pedagógicos em contextos de heterogeneidade cultural*. Relatório da 2ª edição do curso, agosto, 2002. Brasília: Unirede- Seed/MEC .

_____. *Relatório do projeto de pesquisa Integração TV/Vídeo à formação e à prática do educador*. Brasília, FE – UnB, 2004

_____. *Integração da TV na prática, na formação do professor: desejos, propostas, desconfianças, aprendizados*. IN: Reunião da Anped, 26, 2003, Poços de Caldas. Anais GT 16. Goiânia, Vieira, 2003. p-11-34

_____. *Professores buscam in(formação) na TV*. Diversão vem depois. Revista "Humanidades". Brasília, Editora UnB, v., n., abril, 2005.

CASSIRER, H. R. *Televisión y enseñanza*. Buenos Aires, Solar, 1961.

CITELLI, A. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. São Paulo, Editora SENAC, 1999.

FERRÉS, Joan. *Educar en una cultura del espectáculo*. Barcelona. Paidós, 2000

FERRÉS, Joan. *Estrategias para el uso de la televisión*. Disponível em: <<http://dewey.uab.es/pmarques/evte/ferres2.DOC> > consultado em 2nov.2004.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Sobre educação: diálogos- Volume II* – RJ, Paz e Terra, 1984.

HERMANDÉZ, F. *Formação Docente: o desafio da qualificação cotidiana* IN: Pátio Revista Pedagógica, Nº 4 - fev/abr 1998

JACQUINOT, G. , LEBLANC, G. (coordination). *Les genres télévisuels dans l'enseignement*. Paris, Hachette, 1996.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Loyola, 2002

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem , o que pensam, o que almejam/ Pesquisa Nacional Unesco- Saõ Paulo: moderna, 2004*

VILCHES, L. *La televisión: los efectos del bien y del mal*. Barcelona, Paidós, 1993.

Vânia Lúcia Quintão Carneiro é Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Doutora em Educação. Coordenadora do grupo de pesquisa Educamídia(UnB/Cnpq), www.educamidia.unb.br.

Artigo recebido em março/2006